Discours sur le colonialisme
©Presence Africaine Editions, 1955

Notas:
Rogério de Campos

Revisão:
Guilherme Mazzafera e Alyne Azuma

Capa:
Rômulo Luís

Ilustrações:
Marcelo D'Salete

Projeto gráfico:
Casa Rex

Diagramação:
Lilian Mitsunaga

Agradecimentos:
a Alexandre Linares,
ao prof. Everaldo de Oliveira Andrade
e a Silvana Jeha.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

C958 Césaire, Aimé (1913 - 2008)
Discurso sobre o colonialismo / Aimé Césaire. Tradução de Claudio Willer. Ilustração de Marcelo D'Salete. Cronologia de Rogério de Campos. - São Paulo: Veneta, 2020.

136 p.; il.
Título original: Discours sur le colonialisme. Paris: Presence Africaine Editions, 1955.
ISBN 978-85-9571-068-9

1. Colonialismo. 2. Imperialismo. 3. Capitalismo. 4. Fascismo. 5. Racismo. 6. Negritude. 7. Desigualdade Social. 8. Resistência Política. I. Título. II. Willer, Claudio, Tradutor. III. D'Salete, Marcelo, Ilustrador. IV. Campos, Rogério de. V. Césaire, Aimé Fernand David (1913 - 2008).

CDU 316 CDD 305

veneta

Rua Araújo, 124, 1º andar, São Paulo
www.veneta.com.br
contato@veneta.com.br

Uma civilização que se mostra incapaz de resolver os problemas que seu funcionamento provoca é uma civilização decadente.

Uma civilização que opta por fechar os olhos para seus problemas mais cruciais é uma civilização doente.

Uma civilização que se esquiva diante de seus princípios é uma civilização moribunda.

O fato é que a chamada civilização "europeia", civilização "ocidental", tal como foi moldada por dois séculos de governo burguês, é incapaz de resolver os dois principais problemas aos quais sua existência deu origem: o problema do proletariado e o problema colonial. Levada ao tribunal da "razão" e ao tribunal da "consciência", a Europa se mostra impotente para justificar-se. Cada vez mais, se refugia na hipocrisia, tanto mais odiosa por ter cada vez menos chances de enganar.

A Europa é indefensável.

Parece ser essa a constatação que os estrategistas norte-americanos estão sussurrando[1].

Em si, isso não é grave.

1 Com o fim da Segunda Guerra Mundial, com o crescimento dos partidos comunistas na Europa Ocidental, pareceu mesmo que países como a França poderiam se tornar comunistas.

O grave é que "a Europa" é moral, espiritualmente indefensável.

E hoje acontece que não são apenas as massas europeias que a incriminam, mas a acusação é proferida no plano mundial por dezenas e dezenas de milhões de homens que, das profundezas da escravidão, se erigem em juízes.

Você pode matar na Indochina, torturar em Madagascar, aprisionar na África Negra, seviciar nas Índias Ocidentais. Os colonizados agora sabem que têm uma vantagem sobre os colonialistas. Sabem que seus "senhores" provisórios estão mentindo.

Portanto, seus "senhores" são frágeis.

E já que hoje me pedem para falar sobre colonização e civilização, vamos direto à mentira principal, a partir da qual todas as outras proliferam.

Colonização e civilização?

A maldição mais comum nessa questão é a de ser enganado em sua boa-fé pela hipocrisia coletiva, perita em situar mal os problemas para melhor legitimar as odiosas soluções oferecidas.

Isso significa que o essencial aqui é ver com nitidez, pensar com nitidez, entender temerariamente, responder com nitidez à inocente pergunta inicial: o que, em seu princípio, é a colonização? É concordar que não é nem evangelização, nem empreendimento filantrópico, nem vontade de empurrar para trás as fronteiras da ignorância, da doença e da tirania, nem expansão de Deus, nem extensão do Direito; é admitir de uma vez por todas, sem recuar ante as consequências, que o gesto decisivo aqui é do aventureiro e do pirata, dos merceeiros em geral, do armador, do garimpeiro e do comerciante; do apetite e da força, com a sombra maléfica, por trás, de uma forma de civilização que, em um momento de sua história, se vê obrigada internamente a estender à escala mundial a concorrência de suas economias antagônicas.

Continuando minha análise, acho que a hipocrisia é de data recente; que nem Cortez descobrindo o México do alto das grandes *teocalis*[2], nem Pizarro diante de Cuzco (ainda menos Marco Polo diante de Cambaluc[3]), arvoram-se mensageiros de uma ordem superior; que matem; que saqueiem; que tenham capacetes, lanças, cupidez; mas os embusteiros vieram depois:

2 NE: Antigas pirâmides mesoamericanas.

3 NE: Antigo nome de Pequim (ou Beijing).

e o grande responsável nesse campo é o pedantismo cristão, por ter elaborado as equações desonestas: *cristianismo = civilização; paganismo = selvageria*, das quais só poderiam resultar as abomináveis consequências colonialistas e racistas, cujas vítimas seriam os índios, amarelos e negros.

Acertado isso, admito que é bom colocar diferentes civilizações em contato; que casarem-se mundos diferentes é excelente; que uma civilização, qualquer que seja seu gênio íntimo, murcha ao dobrar-se sobre si mesma; que a troca aqui é oxigênio, e que a grande sorte da Europa é haver sido uma encruzilhada e que, por ter sido o lugar geométrico de todas as ideias, o receptáculo de todas as filosofias, o lugar de acolhida de todos os sentimentos, tornou-se o melhor redistribuidor de energia.

Mas então apresento a seguinte questão: a colonização realmente *pôs em contato*? Ou, se preferirem, de todas as formas de estabelecer contato, ela foi a melhor?

Eu respondo: *não*.

E digo que, da colonização à civilização, a distância é infinita; que, de todas as expedições coloniais acumuladas, de todos os estatutos coloniais elaborados, de todas as circulares ministeriais despachadas, não sobraria um único valor humano.

Seria preciso, antes, estudar como a colonização funciona para descivilizar o colonizador; para brutalizá-lo no sentido apropriado da palavra, degradá-lo, despertá-lo para instintos soterrados, cobiça, violência, ódio racial, relativismo moral, e mostrar que toda vez que no Vietnã há uma cabeça decepada e um olho perfurado, e na França se aceita isso, uma menina é estuprada, e na França se aceita isso, um malgaxe[4] torturado, e na França se aceita isso, há um acréscimo de peso morto na civilização, ocorre uma regressão universal, uma gangrena se instala, um foco de infecção se espalha, e que no final de todos esses tratados violados, todas essas mentiras propagadas, todas essas expedições punitivas toleradas, todos aqueles prisioneiros amarrados e "interrogados", todos esses patriotas torturados, no final desse orgulho racial estimulado, dessa jactância propagada, existe o veneno incutido nas veias da Europa, e o processo lento, mas seguro, do asselvajamento do continente.

E então, um belo dia, a burguesia é despertada por um tremendo choque, como de um bumerangue: as gestapos estão atarefadas, as prisões estão cheias, os torturadores inventam, refinam, discutem em meio aos seus instrumentos de trabalho.

4 Povo de Madagascar, que foi colônia francesa até 1960.

Surpresa e indignação. E as pessoas dizem: "Que estranho! Mas, ah! É o nazismo, vai passar! E esperam e esperam; e se mantém caladas diante da verdade: que é uma barbárie, mas a barbárie suprema, aquilo que coroa, aquilo que resume o caráter cotidiano das barbáries; que é nazismo, sim, mas que antes de serem suas vítimas, foram cúmplices; que esse nazismo, toleraram antes de sofrê-lo; absolveram-no, fecharam seus olhos e o legitimaram, porque, até então, havia sido aplicado apenas a povos não europeus; cultivaram esse nazismo, ele é sua responsabilidade; e ele gotejava, escorria, penetrava antes de engolir em suas águas avermelhadas, por todas as fendas, a civilização ocidental e cristã.

Sim, valeria a pena estudar, clinicamente, em detalhes, os passos de Hitler e do hitlerismo e revelar ao burguês muito distinto, muito humanista e muito cristão do século XX que ele carrega consigo um Hitler sem saber, que Hitler *vive nele*, que Hitler é seu *demônio*, que se ele o vitupera, é por falta de lógica e, no fundo, o que ele não perdoa em Hitler não é o crime em si, o *crime contra o homem*, não é a *humilhação do homem em si*, é o crime *contra o homem branco*, é a humilhação *do homem branco*, é de haver aplicado à Europa os procedimentos colonialistas que atingiam até então apenas os árabes da Argélia, os *coolies*[5] da Índia e os negros da África.

E essa é a grande acusação que eu dirijo ao pseudo-humanismo: ter por muito tempo reduzido os direitos humanos, ter ainda uma concepção estreita e fragmentada deles, parcial e tendenciosa e, considerando tudo, sordidamente racista.

Falei muito sobre Hitler. Ele merece, pois nos permite ver em maior escala e compreender que a sociedade capitalista, no seu estágio atual, é incapaz de fundar um direito dos povos, assim como se mostra impotente para fundar uma moralidade individual. Queiram ou não: no final do beco sem saída da Europa, quero dizer, da Europa de Adenauer, Schuman, Bidault[6] e

5 Termo depreciativo para trabalhadores braçais.

6 Konrad Adenauer (1876-1967), político democrata-cristão, chanceler da Alemanha Ocidental entre 1949 e 1963. Robert Schuman (1886-1963), político democrata-cristão, primeiro-ministro da França entre 1947 e 1948; em 1958 tornou-se o primeiro presidente do Parlamento Europeu. Georges Bidault (1899-1983), primeiro-ministro francês na segunda metade da década de 1940, se exilou no Brasil nos anos 1960 depois que foi revelado seu envolvimento com a OAS, grupo paramilitar francês de extrema-direita.

alguns outros, há Hitler. No fundo do capitalismo, ansioso por sobreviver, há Hitler. No fundo do humanismo formal e da renúncia filosófica, há Hitler.

E, desde imediato, uma de suas frases se impõe a mim:

> Nós aspiramos, não à igualdade, mas à dominação. O país de raça estrangeira terá que se tornar novamente um país de servos, diaristas agrícolas ou trabalhadores industriais. Não se trata de eliminar as desigualdades entre os homens, mas de ampliá-las e torná-las uma lei.

Isso parece claro, orgulhoso, brutal e nos coloca em plena selvageria ululante. Mas vamos descer um degrau.

Quem fala? Tenho vergonha de dizer: é o *humanista* ocidental, o filósofo "idealista". Que o nome dele seja Renan[7] é um acaso. Que seja tirado de um livro intitulado *La Réforme intellectuelle et morale* (*A reforma intelectual e moral*), que tenha sido escrito na França, no dia seguinte a uma guerra que a França apresentara como do direito contra a força[8], isso diz muito sobre os costumes burgueses.

> A regeneração de raças inferiores ou abastardadas por raças superiores está na ordem providencial da humanidade. O homem do povo é quase sempre, em casa, um nobre rebaixado, sua mão pesada é muito mais bem feita para segurar a espada do que a ferramenta servil. Em vez de trabalhar, ele escolhe lutar, ou seja, ele volta ao seu primeiro estado. *Regere imperio populos*, essa é a nossa vocação. Despeje essa atividade devoradora em países que, como a China, clamam pela conquista estrangeira.
>
> Quanto aos aventureiros que perturbam a sociedade europeia, façam com eles um *ver sacrum*[9], um enxame como os dos francos, lombardos e normandos, e todos estarão em seu papel. A natureza criou uma raça de

7 Ernest Renan (1823-1892), filósofo francês, muito popular no século XIX e na primeira metade do século XX.

8 *La Réforme intellectuelle et morale*, que reúne artigos de Renan escritos a partir de 1869, foi lançado em 1871, logo depois da humilhante derrota francesa na Guerra Franco-Prussiana.

9 *Ver sacrum* (Primavera Sagrada) era uma tradição italiana anterior ao Império Romano pela qual uma parte da população jovem era expulsa da comunidade, para que saísse à procura de outras terras onde criaria uma nova tribo.

> trabalhadores: é a raça chinesa, com uma destreza de mão maravilhosa, com quase nenhum sentimento de honra; governem-na com justiça, tirando dela, para o benefício de um tal governo, um amplo dote para o benefício da raça conquistadora; ela ficará satisfeita; uma raça de trabalhadores da terra é a negra; sejam bons e humanos com ela, e tudo estará em ordem; uma raça de mestres e soldados, essa é a raça europeia. Reduzam essa nobre raça a trabalhar no ergástulo[10] como os negros e chineses, ela se revolta. Todo rebelde é mais ou menos um soldado que frustrou sua vocação entre nós, um ser feito para uma vida heroica, e que vocês destinam *a uma tarefa contrária à sua raça*: um mau trabalhador, um soldado muito bom. Agora, a vida que revolta nossos trabalhadores faria a felicidade de um chinês, de um *felá*[11], que não são militares. Deixe todos fazerem aquilo para que são feitos, e tudo ficará bem.

Hitler? Rosenberg[12]? Não, Renan.

Mas vamos descer mais um degrau. E aí está o político verborrágico. Quem protesta? Ninguém, que eu saiba, quando o sr. Albert Sarraut[13], discursando aos alunos da Escola Colonial[14], ensina-lhes que seria infantil opor às empresas europeias de colonização "um suposto direito de ocupação e sabe-se lá que outros direitos de feroz isolamento que perpetuariam em vão as inúteis posses de riquezas sem uso em mãos incapazes".

E quem se indigna ao ouvir um certo padre Barde[15] garantir que os bens deste mundo, "se eles permanecessem indefinidamente distribuídos, como estariam sem a colonização? Não responderiam aos planos de Deus, nem às justas exigências da coletividade humana"?

Esperando-se, como afirmou seu irmão em cristianismo, o reverendo Muller: "que a humanidade não tenha que suportar que a incapacidade, negligência e preguiça dos povos selvagens deixem indefinidamente sem

10 Na Roma Antiga, ergástulo era o calabouço onde eram confinados os escravos.

11 Camponês do norte da África

12 Alfred Rosenberg (1892-1946), ideólogo nazista.

13 Albert-Pierre Sarraut (1872-1962) foi duas vezes primeiro-ministro da França na década de 1930.

14 A École nationale de la France d'outre-mer, escola de elite, formava os administradores das colônias francesas.

15 Louis Barde (1852-1932), jesuíta, jurista e professor da Faculdade de Direito de Montpellier. Foi um dos editores da revista católica *Action Populaire*.

emprego as riquezas que Deus lhes confiou com a missão de fazê-las servirem ao bem de todos".

Ninguém.

Quero dizer, nenhum escritor reconhecido, nenhum acadêmico, nenhum pregador, nenhum político, nenhum cruzado do direito e da religião, nenhum "defensor da pessoa humana".

E, no entanto, pelas bocas de Sarraut e Bardo, Muller e Renan, pela boca de todos aqueles que julgaram e julgam lícito aplicar-se aos povos extra-europeus, em benefício de nações mais fortes e equipadas, "uma espécie de expropriação em prol da utilidade pública", já era Hitler falando!

Aonde quero chegar? A esta ideia: que ninguém coloniza inocentemente, que ninguém coloniza impunemente; que uma nação colonizadora, uma civilização que justifica a colonização — portanto a força — já é uma civilização doente, uma civilização moralmente atingida que, irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, chama seu Hitler, quero dizer, seu castigo.

Colonização: uma cabeça de ponte, em uma civilização, da barbárie que, a qualquer momento, pode levar à pura e simples negação da civilização.

Já citei diversas vezes, em outros lugares, certas características da história das expedições coloniais.

Não tive a sorte de agradar a todos. Parece que estou tirando velhos esqueletos do armário. De fato!

Seria inútil citar o coronel de Montagnac[16], um dos conquistadores da Argélia?

"Para afastar as ideias que às vezes me assediam, cortei cabeças, não cabeças de alcachofras, mas cabeças de homens."

Seria apropriado recusar a palavra ao conde d'Herisson[17]?

16 Lucien de Montagnac (1803-1845) foi responsável por vários massacres de civis na invasão francesa da Argélia e tinha muito orgulho disso: "Nós nos instalamos no centro do país... queimando, matando, destruindo tudo. (...) Algumas tribos ainda resistem, mas nós as rastreamos, para tomar suas esposas, seus filhos, seu gado". E o que faziam com as mulheres? "Algumas são mantidas como reféns, outras trocadas por cavalos, e as restantes são vendidas em leilão como bestas de carga."

17 Hérisson (1839-1898) participou da chamada Segunda Guerra do Ópio (1856-1860), na qual a Inglaterra e a França invadiram a China para forçá-la a render-se de vez ao imperialismo ocidental.

"É verdade que trouxemos um barril cheio de orelhas colhidas, de par em par, de prisioneiros, amigos ou inimigos."

Caberia recusar a Saint-Arnaud[18] o direito de fazer sua profissão de fé bárbara?

"Devastamos, queimamos, saqueamos, destruímos casas e árvores." Caberia impedir o marechal Bugeaud[19] de sistematizar tudo isso em uma teoria ousada e reivindicar grandes ancestrais?

"É preciso uma grande invasão na África que se pareça com o que os francos fizeram, com o que os godos fizeram."

Seria preciso, finalmente, lançar às sombras do esquecimento o memorável feito de armas do comandante Gerard[20] e calar sobre a captura de Ambike[21], uma cidade que, para dizer a verdade, nunca pensou em se defender:

> Os atiradores de elite tinham ordens para matar apenas homens, mas não foram detidos; intoxicados pelo cheiro de sangue, não pouparam uma mulher, nem uma criança... No final da tarde, sob a ação do calor, uma pequena névoa se elevou: era o sangue das cinco mil vítimas, a sombra da cidade que evaporou ao pôr do sol.

Sim ou não: esses fatos são verdadeiros? E a voluptuosidade sádica, os prazeres indescritíveis que fazem a carcaça de Loti[22] estremecer quando

18 O marechal Saint-Arnaud (1798-1854) promoveu diversos massacres na África, alguns pelo método da "enfumade": os prisioneiros eram forçados a entrar em uma caverna e eram asfixiados pela fumaça das fogueiras que os soldados franceses faziam à entrada. Em 1845, por exemplo, Saint-Arnaud assassinou dessa maneira, de uma só vez, 800 membros da tribo Sbeha, na quase totalidade mulheres, crianças e idosos.

19 O marechal Thomas Robert Bugeaud (1784-1849) foi governador-geral da Argélia no período colonial.

20 General Augustin Gérard (1857-1926), como chefe do Estado-Maior do governo colonial de Madagascar entre 1896 e 1905, foi um dos responsáveis pela brutal repressão contra a população malgaxe. Alguns autores afirmam que 700 mil dos 3 milhões de habitantes locais foram mortos na época pelo governo colonial.

21 O autor grafa Ambike, mas a cidade no oeste de Madagascar é mais conhecida como Ambiky. Em agosto de 1896, apesar de ter um acordo de paz com os franceses, Ambiky foi atacada inesperadamente pelas tropas coloniais, e quase toda a sua população foi assassinada.

22 Césaire refere-se ao relato brutal que Pierre Loti (pseudônimo do escritor Louis-Marie-Julien Viaud, então servindo na Marinha Francesa no Vietnã) faz do que viu da tomada, em agosto de 1883, da cidade vietnamita Thouan-An: "Então o grande massacre começou. Fizemos salvas e dois

exibe na ponta de seus binóculos de oficial um bom massacre de *annamitas*?[23] Verdade ou mentira? E se esses fatos forem verdadeiros, como não está no poder de ninguém negá-lo, diremos, para minimizá-los, que esses cadáveres não provam nada?

Da minha parte, se evoquei alguns detalhes dessas horrendas carnificinas, não foi por algum deleite melancólico, foi porque acho que não nos livraremos tão facilmente dessas cabeças de homens, dessas colheitas de orelhas, dessas casas queimadas, dessas invasões góticas, desse sangue fumegante, dessas cidades que se evaporam na ponta da espada. Elas provam que a colonização, repito, desumaniza até o homem mais civilizado; que a ação colonial, o empreendimento colonial, a conquista colonial fundada no desprezo pelo homem nativo e justificada por esse desprezo, inevitavelmente, tende a modificar a pessoa que o empreende; que o colonizador, ao acostumar-se a ver o outro como animal, ao treinar-se para tratá-lo como um animal, tende objetivamente, para tirar o peso da consciência, a se transformar, ele próprio, em animal. É essa ação, esse choque em troca da colonização, que é importante assinalar.

Parcialidade? Não. Houve mesmo um tempo em que se envaideciam desses fatos e em que, seguros do amanhã, deixavam isso claro. Uma última citação; eu a empresto de um certo Carl Siger[24], autor de um ensaio sobre colonização:

> Os novos países são um vasto campo aberto a atividades individuais violentas que, na metrópole, se chocariam com certos preconceitos, com uma concepção sábia e regulada da vida, e que, nas colônias, podem se desenvolver mais livremente e, portanto, afirmar melhor seu valor. Assim, as colônias podem, de certa maneira, servir como uma válvula de segurança para a sociedade moderna. Essa utilidade, se fosse a única, já seria imensa.

incêndios! E foi um prazer ver esses feixes de balas, tão facilmente dirigíveis, caírem sobre eles duas vezes por minuto, sob o comando metódico e seguro. (...) Vimo-los absolutamente loucos, tomados por uma vertigem de correr. (...) Iam em zigue-zague durante toda a corrida da morte, dobrando-se de uma maneira cômica. (...) e depois nos divertimos contando os mortos".

23 Annan era o nome da colônia francesa na região central do Vietnã. Mas franceses costumavam usar o termo *annamites* depreciativamente, para designar os vietnamitas em geral.

24 Pseudônimo de Charles Régismanset (1877-1945), escritor e também funcionário do Ministère des colonies, o ministério encarregado da administração das colônias francesas. O livro citado é o *Essai sur la colonisation*, de 1907.

Na verdade, existem taras que não podem ser reparadas por ninguém e nunca foram expiadas.

Mas falemos dos colonizados.

Posso ver bem o que a colonização destruiu: as admiráveis civilizações indígenas, e nem Deterding, nem a Royal Dutch, nem a Standard Oil[25] jamais me consolarão dos astecas ou dos incas.

Posso ver claramente aquelas civilizações — condenadas a desaparecer — nas quais introduziu um princípio de ruína: Oceania, Nigéria, Niassalândia[26]. Vejo bem como a colonização contribuiu.

Segurança? Cultura? Jurisdicismo? Enquanto isso, olho e vejo em todos os lugares onde há, cara a cara, colonizadores e colonizados, a força, a brutalidade, a crueldade, o sadismo, o choque e, como paródia da formação cultural, a preparação às pressas de alguns milhares de funcionários subalternos, *boys*[27], artesãos, empregados do comércio e intérpretes necessários para o bom andamento dos negócios.

Eu falei de contato.

Entre colonizador e colonizado, só há espaço para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, os impostos, o roubo, o estupro, a imposição cultural, o desprezo, a desconfiança, o necrotério, a presunção, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas.

Nenhum contato humano, porém relações de dominação e submissão que transformam o homem colonizador em peão, em capataz, em carcereiro, em açoite, e o homem nativo em instrumento de produção.

É minha vez de apresentar uma equação: *colonização = coisificação.*

Ouço a tempestade. Falam-me do progresso, das "realizações", das doenças curadas e dos níveis de vida elevados além de si mesmos.

Mas eu falo de sociedades esvaziadas de si mesmas, culturas pisoteadas,

25 O holandês Henri Deterding (1866-1939) dirigiu, entre 1900 e 1936, a companhia petrolífera Royal Dutch Shell, mais conhecida simplesmente como Shell. A Standard Oil Company, mais conhecida como Esso, foi a maior empresa de exploração de petróleo.

26 Antigo protetorado britânico, tornou-se independente em 1964, quando passou a se chamar Malawi.

27 Jovem serviçal indígena nos países colonizados.

instituições solapadas, terras confiscadas, religiões assassinadas, magnificências artísticas destruídas, possibilidades extraordinárias suprimidas.

Eles me jogam na cara os fatos, as estatísticas, os quilômetros de estradas, canais e ferrovias.

Mas eu falo de milhares de homens sacrificados na Congo-Océan[28]. Estou falando daqueles que, no momento em que escrevo, estão cavando o porto de Abidjan à mão[29]. Falo de milhões de homens arrancados a seus deuses, suas terras, seus costumes, sua vida, a vida, a dança, a sabedoria.

Estou falando de milhões de homens em quem foram inteligentemente inculcados o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, o ajoelhar-se, o desespero, o servilismo.

Dão-me a visão total da tonelagem de algodão ou cacau exportado, acres de oliveiras ou videiras plantadas.

Mas eu falo de economias naturais, economias harmoniosas e viáveis, economias na medida do homem indígena que foram desorganizadas, culturas alimentares destruídas, subnutrição instalada, desenvolvimento agrícola orientado para o benefício único das metrópoles, roubo de produtos, roubo de matérias-primas.

Vangloriam-se dos abusos que foram suprimidos.

Também estou falando dos abusos, mas para dizer que aos antigos — muito reais — sobrepuseram outros — muito detestáveis. Sou informado sobre tiranos locais que foram enquadrados; mas constato que, em geral, eles se dão muito bem com os novos e que, destes aos antigos e vice-versa, um circuito de bons serviços e cumplicidade foi estabelecido em detrimento dos povos.

Falam-me de civilização, eu falo de proletarização e mistificação.

28 Linha férrea construída no início do século XX pelo governo colonial francês com trabalho forçado na atual República do Congo. Estima-se que morreram em sua construção mais de 17 mil trabalhadores. Esse recrutamento compulsório de operários motivou a Rebelião Kongo-Wara, que começou como um movimento pacífico de desobediência civil (boicote aos produtos franceses etc.) liderado pelo profeta Barka Ngainoumbey, conhecido como Karnou. Mas devido à violência da repressão colonial, que, inclusive, assassinou Karnou em 1928, acabou tornando-se um movimento armado, que reuniu 350 mil pessoas. A rebelião foi vencida em 1931.

29 Abidjan foi a capital da Costa do Marfim no período em que o país era uma colônia francesa.

De minha parte, faço a apologia sistemática das civilizações para-europeias.

Cada dia que passa, cada negação da justiça, cada blitz policial, cada manifestação operária afogada em sangue, cada escândalo abafado, cada expedição punitiva, cada viatura, cada policial e cada milícia nos fazem sentir o preço de nossas antigas sociedades.

Eram sociedades comunitárias, nunca de todos para alguns.

Não eram apenas sociedades antecapitalistas, como foi dito, mas também sociedades anticapitalistas.

Eram sociedades democráticas, sempre.

Eram sociedades cooperativas, sociedades fraternas.

Eu elogio sistematicamente as sociedades destruídas pelo imperialismo.

Elas eram o fato, não tinham pretensões de ser a ideia. Apesar de seus defeitos, não eram nem odiosas nem condenáveis. Elas se contentavam em ser. Diante delas, não faziam sentido nem a palavra fracasso, nem a palavra avatar. Elas reservaram, intacta, a esperança. Em vez disso, essas são as únicas palavras que podemos, com toda a honestidade, aplicar aos empreendimentos europeus fora da Europa. Meu único consolo é que as colonizações passam, que as nações dormem apenas por um tempo e que os povos permanecem.

Dito isso, parece que, em alguns círculos, pretenderam descobrir em mim um "inimigo da Europa" e um profeta do retorno ao passado *ante*-europeu.

De minha parte, procuro em vão a base para discursos semelhantes; onde subestimei a importância da Europa na história do pensamento humano; onde fui ouvido pregando algum retorno; onde fui visto a afirmar que poderia haver um retorno.

A verdade é que eu disse algo bem diferente: a saber, que o grande drama histórico da África foi menos o contato tardio demais com o resto do mundo do que a maneira como esse contato foi feito; que isso foi no momento em que a Europa caiu nas mãos dos mais inescrupulosos financistas e capitães da indústria; foi quando a Europa "se propagou"; e nossa falta de sorte foi ter sido essa a Europa que encontramos em nosso caminho, e que a Europa é responsável perante a comunidade humana pela maior pilha de cadáveres da história.

Por outro lado, julgando a ação colonizadora, acrescentei que a Europa se deu muito bem com todos os senhores feudais nativos que concordaram em servir; que urdiu com eles uma cumplicidade cruel; que tornou sua tirania mais efetiva e mais eficaz, e que sua ação tendeu a prolongar artificialmente a sobrevivência do passado local no que ele tinha de mais pernicioso.

Eu disse — e isso é muito diferente — que a colonização europeia adicionou o abuso moderno à antiga injustiça; o racismo odioso à velha desigualdade.

Se o que se quer é julgar minha intenção, sustento que a Europa colonizadora é desonesta ao legitimar *a posteriori* a ação colonizadora pelo evidente progresso material realizado em alguns campos do regime colonial, posto que a mutação abrupta é sempre possível, tanto na história como em outros âmbitos; que ninguém sabe em qual estágio do desenvolvimento material esses mesmos países estariam sem a intervenção europeia; que o equipamento técnico, que a reorganização administrativa, que, enfim, a "europeização" da África ou da Ásia foram, como o exemplo japonês prova, em nada relacionados à ocupação europeia; que a europeização dos continentes não europeus poderia ter sido feita de maneira diferente e não sob as botas da Europa; que esse movimento de europeização estava em andamento; que ele foi até desacelerado; de qualquer forma, foi distorcido pelo domínio da Europa.

Uma prova disso é o fato de que atualmente são os nativos da África ou da Ásia que reivindicam as escolas, e é a Europa colonizada que as recusa; é o homem africano quem exige portos e estradas, e é a Europa colonizadora que, nesse assunto, cerceia; é o colonizado quem quer ir adiante, e é o colonizador quem o retarda.